



Polícia monitora 25 gangues para combater crimes de ódio

Música é uma das formas de cooptar os jovens

Para conseguir novos filiados, os grupos utilizam divulgação de periódicos e músicas na internet. "Há MP3 que circulam livremente na rede, de grupos neonazistas que fazem apologia à violência não só contra judeus, mas contra nordestinos e homossexuais", diz Rodrigo Medina Zagni, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI) da USP e professor da Universidade Cruzeiro do Sul.

O LEI repassa à Decradi material levantado sobre gangues que pregam diferentes formas de preconceito. Para Rodrigo, os jovens que fazem parte desses grupos têm "cristalizada em suas identidades a cultura da intolerância". Ele diz que, mais do que "vigiar e punir" esses infratores, é necessário um trabalho educativo. "O Estado que só vigia e pune não é capaz de reverter esse cultura da intolerância para a cultura da paz", afirma.

A delegada Margarette Barreto, que participa das pesquisas do LEI, concorda: "A motivação é ideológica. Se as pessoas não mudarem esse pensamento, elas voltarão a cometer o delito".

Cerca de 25 gangues com histórico de crimes de ódio atuam na Grande São Paulo. A movimentação desses grupos e de cerca de outras 3 mil pessoas - todas com algum registro de ocorrência violenta - é acompanhada pela Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi).

Quatro pontos na capital exigem atenção especial dos policiais: região da avenida Paulista e praça da República, no Centro, Autorama, na zona sul, e ao redor do Shopping Tatuapé, na zona leste (veja quadro). As áreas mais suscetíveis a ocorrências de crimes de ódio são onde circulam tribos diversas, como a rua Augusta, que reúne homossexuais, punks e skinheads.

Segundo a delegada titular da Decradi, Margarette Barreto, as pessoas envolvidas nos crimes de ódio têm, em média, de 14 a 35 anos. "Às vezes, o pai e a mãe nem sabem o que está acontecendo. Eles não sabem que, em grupo, o filho deles se transforma", diz. Se condenados, as penas variam de medidas como prestação de serviços à comunidade a prisão (depende da gravidade e do tipo de crime).

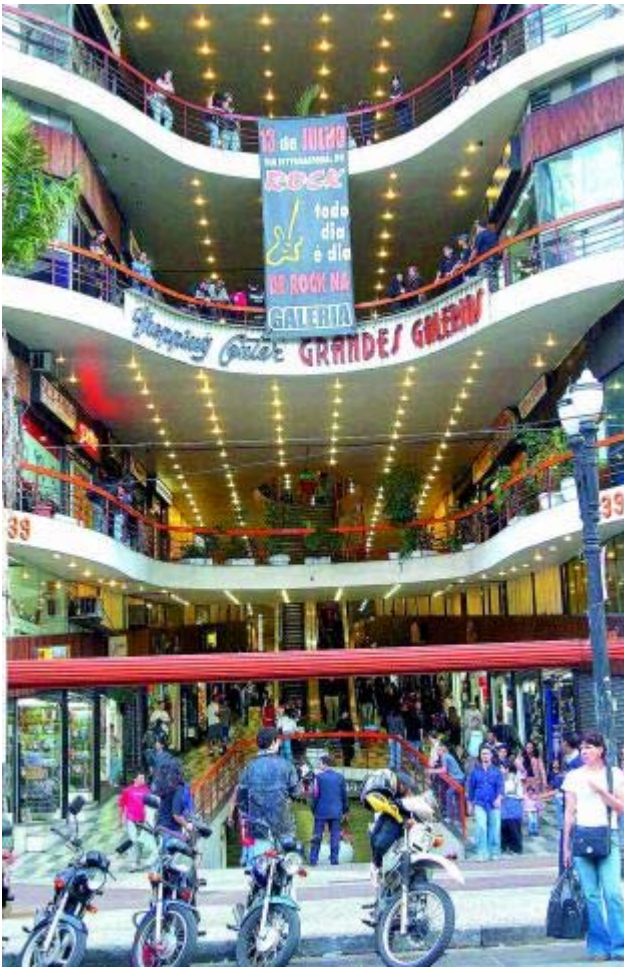
O Decradi faz o monitoramento pelo sistema de informações sobre crimes da Secretaria da Segurança Pública e por jornais, revistas e internet. Uma das dificuldades de mapear as gangues é a mobilidade entre os integrantes. "Esses grupos não têm formação específica. Um membro briga com outro, sai e monta uma gangue rival", diz a delegada. A Decradi acompanha de crimes de intolerância religiosa a

brigas entre torcidas.l



Galeria do Rock e região central são áreas com risco de conflito

rogerio gois/futura press



(liuca yonaha)